



O papel dos jogos tradicionais como actividade lúdica e educacional

António Pedro Monteiro Paiva Coimbra

Porto, 2007

U. PORTO



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

O papel dos jogos tradicionais como actividade lúdica e educacional

Monografia realizada no âmbito da disciplina de
Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e
Educação Física, na área de Recreação e Tempos
Livres, da Faculdade de Desporto da Universidade do
Porto

Orientador: Prof. Doutora Maria Paula Maia dos Santos
António Pedro Monteiro Paiva Coimbra

Porto, 2007

Coimbra, A. (2007). *O papel dos jogos tradicionais como actividade lúdica e educacional*. Porto: A. Coimbra. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: JOGOS TRADICIONAIS, DESPORTO, APRENDIZAGEM

Agradecimentos

Quero expressar o meu reconhecimento e agradecimento a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho.

À Professora Doutora Maria Paula Santos, a minha gratidão pela orientação do trabalho realizado, e a permanente disponibilidade.

À Inês por tudo...

A toda a minha família, especialmente aos meus pais e irmãos, pela dedicação e incentivo.

Índice

Resumo	V
Abstract	VII
Résumé	IX
Introdução	1
Desenvolvimento do problema	5
1. Conceito e Enquadramento Histórico de Jogos Tradicionais	5
2. Características Gerais dos Jogos Tradicionais	9
3. Finalidade dos Jogos Tradicionais	13
4. Jogo e Desporto	16
5. Jogo e Aprendizagem – Pedagogia Lúdica	19
Conclusões	27
Bibliografia	29

Resumo

O meu estudo baseia-se numa revisão bibliográfica acerca dos Jogos Tradicionais portugueses numa perspectiva desportiva e educacional.

A razão pela qual decidi elaborar este trabalho foi o meu interesse pela vertente lúdica associada ao exercício físico, onde os Jogos Tradicionais desempenham um papel importante.

Os Jogos Tradicionais são práticas puras e simples inseridas no domínio lúdico, apresentam características próprias que os diferenciam do Desporto.

Actualmente, os Jogos Tradicionais estão incluídos nos conteúdos programáticos da disciplina de Educação Física das nossas escolas, apesar de se verificar um gradual abandono da sua prática no contexto extra-escolar.

Palavras-chave: JOGOS TRADICIONAIS, DESPORTO, APRENDIZAGEM

Abstract

This study presents a bibliographical revision on the Portuguese Traditional Games on a sport and educational perspective.

The reason for the decision to elaborate on this was my interest in game associations with physical exercise, where the Traditional Games play an important role.

Traditional Games are pure and simple activities that have certain characteristics, in terms of the merging of fun and educational activities, which distinguish them from Sports.

Traditional games are currently included in the content programme of Physical Education in schools. However there has been a gradual decline in their use as Extra-Curricular activities.

Keywords: TRADITIONAL GAMES, SPORT, LEARNING

Résumé

Dans cette étude est présentée une révision bibliographique sur les Jeux Traditionnels sur une perspective sportive et éducationnelle.

La raison pour laquelle j'ai décidé de faire ce travail, a été mon intérêt par les jeux composante ludique associée à l'exercice physique et dont les Jeux Traditionnels jouent un rôle important.

Les Jeux Traditionnels constituent des pratiques pures et simples intégrées dans le domaine ludique et qui possèdent des caractéristiques propres qui les rendent différents du Sport.

À présent, les Jeux Traditionnels font partie des contenus des programmes scolaires de la discipline d'Éducation Physique et Sportive (EPS) dans nos écoles, bien que l'on constate l'abandon progressif de leur pratique dans le contexte extrascolaire.

Mots-clé: JEUX TRADITIONNELS, SPORT, APPRENTISSAGE

Introdução

“O jogo é um fenómeno universal, presente em todas as épocas e civilizações. A permanência do lúdico em todo o percurso histórico e civilizacional, no mundo das crianças, dos jovens e dos adultos, é um bom indicador da sua importância” (Serra, 1999, p. 1).

Das práticas lúdicas e rituais dos primeiros homens (luta, lançamentos, saltos, corridas) surgiram a maioria dos jogos de tradição ainda hoje praticados ou conhecidos. Desde há muito tempo, o exercício de actividades corporais foi considerado útil para a saúde do corpo e da mente e fonte de prazer para os participantes.

A simplicidade e forte relação com a natureza, trabalho e festa dos Jogos Tradicionais, assim como o facto de apresentarem particularidades locais, são factores que os distanciam dos Desportos.

Segundo Serra (1999), As características do espaço onde decorrem e, dos materiais que utilizam, acrescida das situações paradoxais originadas pela diferença ao nível dos grupos e dos territórios, bem como do vasto leque de possibilidades de opção que oferecem aos praticantes, tornam os velhos jogos bem diferentes das práticas desportivas. Assim, aos Jogos Tradicionais são atribuídas características como a criatividade, espontaneidade e liberdade que se opõem e afastam da regulamentação, sistematização e rendimento do Desporto.

Da grande variedade de exercícios lúdicos antigos muitos não conseguiram resistir à invasão da modernidade. Destas actividades permanecem vivas práticas que ocorrem nos recreios escolares e em determinadas alturas festivas.

Tanto no passado como actualmente, os Jogos Tradicionais apresentam-se como momentos insubstituíveis de convívio, coesão social e inserção do indivíduo na comunidade, permitindo a identificação do jovem e do adulto com a cultura local.

Ao longo dos tempos verificou-se uma alteração das atitudes perante o lúdico, resultante das ideias dominantes e das constantes transformações de

natureza política, social e económica. Um marco importante foi a Revolução Industrial que provocou transformações profundas nas sociedades rurais, mais ou menos isoladas e pouco permeáveis a influências externas, induzindo mudanças marcantes no modo de entender os jogos de tradição (Serra, 1999).

A crescente urbanização das aldeias, o aparecimento da televisão e a expansão de práticas desportivas institucionalizadas são algumas das razões que causaram o progressivo desaparecimento da prática dos Jogos Tradicionais, bem como, a aquisição de novos costumes por parte das crianças, jovens e adultos.

Hoje em dia, tanto nas aldeias, vilas ou cidades, são as crianças as guardiãs de grande número das actividades lúdicas ancestrais, realizando-as sem interesse utilitário, apenas pelo prazer que provém do movimento, da afirmação de si e da imitação dos mais velhos. Desta forma, a realização de múltiplas vivências é fundamental para a construção de bases sólidas, servindo de suporte para exigências futuras e os Jogos Tradicionais desempenham a mesma função que uma actividade desportiva, mantendo vivas actividades, jogos e brincadeiras herdadas e praticadas durante muitas gerações.

Reforçando esta ideia, Friedmann (1995) refere que as crianças aparecem como transmissoras desses jogos, ajudando a explicar o facto de os Jogos Tradicionais terem sobrevivido por séculos e de serem semelhantes no mundo todo.

O presente trabalho tem como objectivos enquadrar e caracterizar os Jogos Tradicionais, no passado, presente e futuro; demonstrar a sua importância, na actualidade, no âmbito do ensino do Desporto e Educação Física; e realçar a influência que estes podem exercer na aprendizagem e no desenvolvimento do indivíduo.

Para a realização deste trabalho foram consultados documentos de diversos tipos: livros, monografias e documentos em formato electrónico. Como este trabalho é uma revisão bibliográfica este foi o único método de estudo utilizado.

Este estudo encontra-se estruturado da seguinte forma:

- 1- Exposição e enquadramento histórico do conceito de Jogo Tradicional;
- 2- Caracterização dos Jogos Tradicionais;
- 3- Finalidade dos Jogos Tradicionais;
- 4- Diferenças entre Jogo e Desporto;
- 5- O jogo como forma de aprendizagem - pedagogia lúdica;

Esta sequência permitiu estabelecer uma relação do jogo com o desenvolvimento do Homem apresentando o jogo como instrumento de transmissão cultural; possibilitou diferenciar o Jogo Tradicional do Desporto institucionalizado e mostrou o papel do jogo na sociabilização e na educação. Esta exposição do tema e a reflexão sobre o mesmo serviram de base para as conclusões e considerações finais deste estudo.

Desenvolvimento do Problema

1. Conceito e Enquadramento Histórico de Jogos Tradicionais

O Jogo Tradicional é definido no trabalho realizado por Huizinga (cit. por Martins, 1997, p. 10) como “acção ou actividade voluntária, realizada dentro de determinados limites fixados de tempo e de lugar, de acordo com uma regra livremente aceite mas completamente imperiosa, provida de um fim em si mesma, acompanhada, por um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser algo diferente da vida corrente” e segundo Sousa (1997, p. 51) os Jogos Tradicionais “sempre estiveram associados a festas populares e à ocupação de tempos livres, tendo transitado, pela via oral, de geração em geração”.

Guedes (198-?) defende que os Jogos Tradicionais são como que um espelho que reflecte uma civilização, uma vez que são praticados em todo o mundo e desde há séculos, logo são determinados pela herança do passado.

Segundo a mesma autora, grande parte dos Jogos Tradicionais Portugueses assemelham-se, quer pelo nome, quer pelos objectivos e regras que os caracterizam aos jogos praticados não só no continente europeu, como também nos outros continentes, sendo, pois, Universais. Embora apresentem outras lengalengas, rituais, ritmos, formas de jogar ou utilizem materiais distintos, e variem de acordo com as características étnicas dos grupos de população, com a sua língua, religião, costumes e com os locais de prática e as maneiras de agir e de comunicar.

Os Jogos Tradicionais ilustram a cultura local e o seu resgate é muito importante para a manutenção do património lúdico (Friedmann, 1995), mas apesar de os Jogos Tradicionais caracterizarem uma cultura local, é interessante a existência de certos padrões lúdicos universais, mesmo quando se observam diferenças regionais, como variações nas designações, e nas regras e suas formas de utilização (Friedmann cit. por Pontes e Magalhães, 2003, p. 117).

Crespo (1990) constatou que o elemento lúdico tem grande importância no comportamento dos homens, mas em Portugal, antes de 1974, o estudo do jogo era feito apenas no quadro restrito dos comportamentos individuais ou de grupo, sem qualquer ligação com o meio envolvente. O ambiente cultural não dava grande importância às práticas lúdicas, comparativamente com as actividades humanas da esfera laboral, sempre dominadas pelos princípios do rendimento e da produtividade. Assim, durante esse período, o “estudo do jogo” remete-nos para pesquisa de carácter etnográfico, na qual esta actividade surgia em monografias locais, para ajudar a caracterizar melhor os usos, costumes e tradições dos portugueses.

A mudança operou-se a partir da década de 70 quando surgiram diversos grupos culturais e recreativos que, através de um grande movimento de animação cultural, ultrapassando inclusivamente os quadros escolar e desportivo, passaram a integrar nos seus programas de actividades inúmeros projectos de dinamização das populações através do jogo (Sousa, 1997). O mesmo autor refere que também as universidades, com recurso a meios específicos, aprofundaram teorias e métodos a utilizar na pesquisa e estudo dos jogos na sociedade e cultura portuguesa. Os órgãos de comunicação social também passaram a desempenhar um papel predominante na divulgação das iniciativas, que até então nunca tinham obtido a expressão merecida, pois eram ofuscadas pelas manifestações desportivas da actualidade, como por exemplo o futebol.

Nos últimos anos, começou-se a ter a noção da importância da preservação e da valorização do Património Cultural dos portugueses. Neste âmbito, os nossos Jogos Tradicionais constituem um importante património cultural que chegou aos nossos dias através da tradição oral, daí as pequenas diferenças que surgem nos jogos quando relatados por povos vizinhos. Como afirma Guedes (198-?, p. 65) “Os Jogos Tradicionais transmitiram-se no passado, quer oralmente, quer através da sua prática”. Do mesmo modo, Cabral (1985. p. 7) considera que, o jogo popular, pela sua singeleza “é uma das mais espontâneas e belas formas de expressão da alma popular. Nela se exprime a necessidade do lazer, a alegria do trabalho transfigurado em festa e

a imaginação enriquecida por uma experiência secular”. O mesmo autor considera ainda o jogo, como uma forma automática de desenvolvimento e aprendizagem.

Silva e Morais (1967, p. 11) afirmam que os Jogos Tradicionais “contribuem de modo saudável para a utilização das horas livres dos trabalhadores”, uma vez que depois de satisfeitas as necessidades fundamentais, o Homem tende a canalizar para a prática de jogos com os quais sente prazer, sem qualquer interesse material, o que lhe sobra de tempo disponível.

Para Caillois (1990), o homem é mais livre e independente no jogo do que na vida. Este facto atribui ao jogo um importante papel na formação da personalidade do indivíduo, desempenhando, para além disso, uma importante função prática e biológica.

O mesmo se passa em relação à criança, como diz Fernandes (cit. por Friedmann, 1995, p. 54) “a criança não só aprende algo, como adquire uma experiência societária de completa significação para o desenvolvimento da sua personalidade. Os elementos do folclore infantil que constituem grande parte do património lúdico das crianças são todos tradicionais, o que quer dizer que são valores vindos do nosso passado, do período da nossa formação, constituindo o ambiente moral em que nos formamos”.

Ivió (cit. por Friedmann, 1995, p. 55), especialista na pesquisa de Jogos Tradicionais, vê-os como uma forma especial da cultura folclórica, em oposição à cultura escrita, oficial e formal. Segundo este autor, o Jogo Tradicional infantil é a produção espiritual do povo, acumulada através de um longo período de tempo.

Segundo Neto (1997, p. 5), “o jogo é uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância”.

Para Kishimoto (cit. por Pontes e Magalhães, 2003, p. 117), o elo entre “cultura” e “criança” é claramente percebido nos jogos e brincadeiras tradicionais e populares, especialmente aquelas desenvolvidas na rua. A modalidade “Jogo Tradicional infantil” possui características de anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade.

Para além disso, o Jogo Tradicional tem um papel fundamental como instrumento para o desenvolvimento das capacidades físicas, motoras, sociais, afectivas, cognitivas e linguísticas das crianças (Friedmann, 1995).

Desta forma, as crianças aparecem como transmissoras desses jogos, ajudando a explicar o facto de os Jogos Tradicionais terem sobrevivido por séculos e de serem semelhantes no mundo todo.

De acordo com Friedmann (1995), o Jogo Tradicional é memória, mas é também presente. Se observarmos em detalhe o jogo da criança de hoje em comparação aos jogos infantis do começo do século, constataremos que existem grandes diferenças. A televisão e a tecnologia dos brinquedos modernos mudaram, sem dúvida, a brincadeira infantil. A falta de espaço e de segurança nas ruas também modificaram algumas brincadeiras.

Assim, Neto (2000. pp. 1-2) afirma: “Brincar na rua é em muitas cidades do mundo uma espécie em vias de extinção. As mudanças sociais ocorridas nos últimos 20-30 anos alteraram significativamente a estrutura de vida familiar. Os hábitos quotidianos transformaram-se radicalmente, os ritmos e as rotinas das crianças também. O tempo espontâneo, da imprevisibilidade, da aventura, do risco, do confronto com o espaço físico natural, deu lugar ao tempo organizado, planeado, uniformizado. Do estímulo ocasional passou-se a uma hegemonia do estímulo organizado, tendo como consequência a diminuição da autonomia das crianças, com implicações graves na esfera do desenvolvimento motor e emocional. Sem a imunidade que lhe é conferida pelo jogo espontâneo, pelo encontro com outras crianças num espaço livre, onde se brinca com a terra, se inventam jogos, se vivem aventuras, a criança revela menos capacidade de defesa e adaptabilidade a novas circunstâncias”.

2. Características Gerais dos Jogos Tradicionais

De acordo com Serra (1999), quando se fala de Jogos Tradicionais, enquanto práticas culturais, reconhecem-se sem hesitações algumas das suas características mais marcantes.

A transmissão oral e anónima em cada sociedade local: das formas de organização, procedimentos, técnicas do corpo, sistemas de pontuação e contagem, fórmulas e gíria utilizadas, é uma característica aceite pela maioria dos autores que investiga os Jogos Tradicionais. Estes reconhecem que os jogos são transmitidos por um processo natural, passando de geração em geração, dos mais velhos para os mais novos; em que o processo de aprendizagem realiza-se através da observação e imitação dos mais velhos. Assim, os Jogos Tradicionais são práticas duradoiras, que acontecem no decurso do processo normal de socialização da criança, do jovem e do adulto, com traços culturais característicos das diferentes sociedades a que pertencem.

A constância ao nível das regras e procedimentos durante décadas ou séculos é outra das características dos Jogos Tradicionais, tal como sucede com outros elementos culturais tradicionais: as canções, as danças, os contos, as lendas, os instrumentos do trabalho agrícola e os ritos. A permanência ao longo do tempo da maioria dos jogos é-nos confirmada por documentos históricos e fontes iconográficas. Apesar de se verificar na mesma comunidade, ao longo dos anos, uma modificação sensível nas fórmulas rimadas ou em determinados procedimentos de um jogo, fruto de trocas culturais e influências diversas, essa variação não incide nos aspectos substantivos da prática lúdica.

A variabilidade local e regional do mesmo jogo é fruto de aculturações e influências diversas, bem como de processos de transformação local. Esta característica dos jogos é perceptível através de uma observação sincrónica, efectuando-se a comparação entre diferentes localidades ou regiões quanto ao tipo de práticas lúdicas realizadas ou consideradas mais importantes, assim avaliam-se as regras, as técnicas corporais, a pontuação e a gíria utilizadas. Estas alterações nos jogos não contrariaram nem impediram a permanência da

maioria dos elementos lúdicos através do tempo. Embora tradicionais, os jogos não são imutáveis, variando no tempo, como as restantes componentes da cultura, dado que a tradição como refere Mesquitela Lima e seus colaboradores (cit. por Serra, 1999, p. 809), nunca poderá confinar-se apenas à “continuidade, imobilismo, ausência de crítica, obstáculo frequente a inovações e a rupturas”.

A *estreita relação da maioria dos jogos com o trabalho e a festa* é uma das características que melhor identifica os Jogos Tradicionais. Muitas das práticas lúdicas que ainda se realizam ou são recordadas nas aldeias, acontecem (ou aconteciam) durante os intervalos ou no término das lides agro-pastoris. Em muitos casos, os jogos representam de um modo mais ou menos fiel e numa outra realidade, episódios das ocupações laborais. Algumas das actividades lúdicas de tradição têm os seus fundamentos no reconhecimento social dos valores e capacidades, exigidos por essas ocupações laborais. Outras ainda estão impregnadas de um cunho festivo evidente ou ocorrem de um modo cíclico em épocas especiais do calendário profano ou religioso. Desta forma a *organização* dos jogos é geralmente *espontânea e cíclica*, ocorrendo durante as festas que se distribuem ao longo das estações do ano.

A *originalidade* é uma das características mais discutível, como salientam Camerino e Castañer (cit. por Serra, 1999, p. 810), uma vez que é difícil, se não impossível, provar que uma determinada prática lúdica teve como “berço” esta ou aquela sociedade. Em muitos casos existe a pretensão de considerar uma localidade como “berço” de um determinado jogo mais característico, especialmente quando o mesmo tem idêntica expressão em aldeias circunvizinhas, em relação às quais existe um sentimento de rivalidade ancestral.

Os Jogos Tradicionais advêm do que é puro e simples em articulação perfeita com a natureza, daí a *autenticidade* ser uma das suas características, pois as práticas lúdicas tradicionais surgem-nos ainda pouco contaminadas pelas estratégias mercantilistas da sociedade actual. O que faz da simplicidade e naturalidade dos jogos de tradição aspectos cada vez mais importantes numa

sociedade urbana que vive ano após ano mais divorciada da natureza (Silva e Moraes, cit. por Serra, 1999, p. 810).

O *sentimento de identidade com a comunidade* é a característica deste tipo de jogos que conduz ao fortalecimento dos laços de solidariedade entre os conterrâneos. Desta forma, os jogos de tradição, aparecem completamente integrados no todo social, pois são práticas aprendidas e assumidas de um modo natural pela comunidade, como um “modo de ser” colectivo.

Uma das características da maioria dos Jogos Tradicionais de adultos era estes serem considerados como *actividade exclusivamente masculina*, sendo apenas praticada por rapazes e homens.

Uma característica inerente aos Jogos Tradicionais é a *medição natural do tempo*, o jogo termina quando os intervenientes são eliminados ou quando a maioria deles o entender, sem existir a submissão ao tempo cronometrado. Este processo natural de medir a dimensão temporal faz com que, nos Jogos Tradicionais, uma partida termine apenas quando os intervenientes o entendem e não quando é atingida uma determinada pontuação ou quando decorre um tempo preestabelecido. Pode-se afirmar que nos jogos de tradição não existe (ou existiu) uma visão economicista ou materialista do tempo.

A *falta de controlo e tutela* das práticas lúdicas tradicionais, por parte de pessoas ou instituições extrínsecas aos próprios jogadores, é uma característica que deve ser enfatizada. O clima de liberdade que caracteriza estas práticas permite acordos lúdicos prévios entre os jogadores, acerca dos materiais utilizados, tipo de pontuação adoptada, pormenores permitidos ou interditos. Desta forma, *os árbitros e juízes não são necessários nos jogos de tradição*, bastando a honestidade dos intervenientes.

As situações paradoxais, que frequentemente comportam os jogos de tradição, constituem um dos aspectos mais interessantes da sua prática e uma das suas principais características, que derivam da própria estrutura dos jogos e são originados pela rusticidade dos materiais e espaços utilizados. Na maioria dos Jogos Tradicionais, ou é utilizado o mesmo campo por ambas as equipas, ou existem terrenos de jogo diferentes para ambas as partes, no formato ou na superfície, procedendo-se à mudança de espaço a meio do jogo.

As equipas constituídas nos jogos de tradição têm geralmente um número diferente de jogadores, como sucede nos jogos de corrida e perseguição, podendo o efectivo inicial variar de localidade para localidade ou, mesmo na mesma terra, consoante os jogadores disponíveis. No mundo dos Jogos Tradicionais reina a heterogeneidade.

Nos Jogos Tradicionais existe uma *menor preocupação com os aspectos técnicos*, sendo atribuída uma importância quase exclusiva ao resultado ou ao produto da actividade.

O relevo dado, na maior parte dos jogos de tradição, *aos aspectos miméticos*, quer seja através da representação e imitação de papéis, quer da declamação e fórmulas rimadas é outra das suas características.

As regras dos jogos de tradição têm uma certa flexibilidade, o que foi sentido pelo conselho da Europa, no princípio dos anos 80, quando este organismo internacional realizou várias tentativas para uniformizar, nos países membros, as designações de jogos populares e desportos tradicionais.

Todo o jogo é um desafio e uma prova, ou seja, uma luta contra nós próprios ou contra jogadores oponentes. Através dos jogos, o homem actual pode reencontrar o seu equilíbrio emocional, vencer a rotina, a monotonia e os constrangimentos do quotidiano.

3. Finalidade dos Jogos Tradicionais

Segundo Sousa (1997), a cultura inclui um conhecimento dos hábitos e de todas as capacidades adquiridas pelo Homem como membro da sociedade, e é neste contexto que Bernardi (cit. por Sousa, 1997, p. 84), afirma que nenhum homem pode integrar determinada cultura se não for educado e criado segundo as suas normas e valores. O jogo desempenha um papel importante na integração do Homem na sociedade, como afirma Lotman (cit. por Cabral, 1991, p. 39) o jogo “é um dos meios mais importantes de aquisição das diferentes situações vitais e de aprendizagem de tipos de comportamento”.

Para as crianças, o jogo é fundamentalmente uma forma de vida (Cabral, 1991) e é uma das formas através da qual elas se socorrem para interiorizar o seu envolvimento físico e social. (Neto, s.d.).

Os Jogos Tradicionais têm um peso importante neste processo de aprendizagem, pois para além de serem uma prática de ocupação saudável dos tempos livres, respeitam as características fundamentais de cada região ou sociedade.

Para além do aspecto higiénico e cultural, Guedes (198-?) afirma que o dinamismo lúdico e a carga afectiva dos Jogos Tradicionais contribuem para várias finalidades.

A integração em grupo, já que os intervenientes não estão isolados, geralmente participam numa acção comum, onde desempenham papéis quer individuais, na presença de todos, quer em grupo.

A aquisição de uma certa disponibilidade corporal, que promove a coordenação motora, uma vez que ao jogar existe a necessidade de efectuar toda uma série de gestos ajustados a cada situação. Havendo mesmo alguns jogos em que é estimulado o desenvolvimento da independência de uma parte do corpo, o que fortalece a lateralização.

O desenvolvimento do sentido rítmico e compreensão do tempo, pois tem de haver uma aprendizagem que permita uma inter-relação ajustada entre a ritmicidade e a cronometria.

A *estruturação do espaço*, uma vez que a maioria dos jogos decorre num espaço, efémero, mas próprio.

O *enriquecimento oral da linguagem*, muitos dos jogos usam o canto, as lengalengas e os diálogos, que para além de enriquecerem a linguagem, exigem um esforço de memorização.

A *formação da personalidade*, quando os praticantes dos jogos desempenham papéis específicos, tais como o de líder, de vencedor e de vencido ou quando têm de inventar ou dar uma resposta de imediato.

Por isso, esta autora, ao considerar os Jogos Tradicionais como meio educativo, defende que os factores educáveis são de ordem motora, psicomotora e sociomotora (Guedes, 198-?).

Nos factores de ordem motora, têm de se considerar o desenvolvimento da resistência orgânica e muscular, o desenvolvimento da força e potência e o desenvolvimento da velocidade e da mobilidade articular.

Os factores de ordem psicomotora estão relacionados com o desenvolvimento da coordenação dinâmica geral, uma vez que é a capacidade de ajuste físico e psicológico às diversas situações, que permite a adaptação a cada nova realidade. Desta forma, estes factores desenvolvem a percepção do próprio corpo, pois há uma tomada de consciência dos segmentos e das funções corporais, o que origina um ajustamento postural relativamente a atitudes e movimentos; permitem o aumento da organização espaço-tempo, quando o jogador tem necessidade de se situar e agir em espaços variáveis e segundo ritmos diferentes.

Os factores de ordem sociomotora englobam as actividades em grupo, o espírito de iniciativa e o controlo emocional (Guedes, 198-?).

Esta autora reconhece o valor educativo dos Jogos Tradicionais, em que as crianças se (des)envolvem com uma enorme energia. Considera, no entanto, que os Jogos Tradicionais tendem a desaparecer, pois as crianças cada vez dispõem menos de espaços, e cada vez mais a televisão, a rádio e os discos (na década de 80) preenchem os seus tempos livres; actualmente podemos também incluir nesta lista a Internet e os jogos de computador. Desta forma é fundamental que todos os educadores se encarreguem de transmitir os

Jogos Tradicionais, quer nas aulas de Educação Física, quer na ocupação dos tempos livres às gerações futuras. A autora (Guedes, 198-?, p. 69) declara que: “Para que esta actividade seja motivante e utilizada como meio educativo é, necessário que o Animador possua um elevado reportório originando diversas situações”. Desta forma, é importante desenvolver estratégias de melhoria do envolvimento lúdico das crianças, respeitando as diferenças de idade, as assimetrias sociais e o contexto social multicultural. O que permitirá obter efeitos positivos através do jogo e actividade física, no melhoramento da percepção de si próprio, eficácia pessoal, auto-estima, interacção social e bem-estar psicológico das crianças (Neto, 1997).

A criança é fruto do património cultural da sociedade onde está inserida e a escola deve contribuir para que os seus alunos conheçam as suas raízes culturais (Vilar, cit. por Sousa, 1997, p. 84).

O jogo é um instrumento crucial para estabelecer a ligação entre a escola e a comunidade, e para além disso, os jogos populares têm uma elevada função pedagógica. Os jogos exercitam as crianças em actividades para as quais estão vocacionadas e, se forem elas as responsáveis pela organização e realização destes, estabelecem ligações dentro do grupo, melhorando formas de comportamento que lhes virão a ser muito úteis no futuro (Cabral, 1991).

Segundo o mesmo autor o jogo é um magnífico meio de motivar a aprendizagem. Desta forma e de acordo com Contradanças (cit. por Cabral, 1991, pp. 47-48), os educadores devem ajudar a preservar os Jogos Tradicionais, promover o seu uso de forma moral e cívica e transmitir o seu conhecimento aos alunos, como valores culturais.

4. Jogo e Desporto

Nos últimos anos do século XIX e no início do século XX, a introdução do Desporto nos centros urbanos é um acontecimento que vem enfraquecer a prática dos Jogos Tradicionais.

Na opinião de Serra (1999), sempre que os Jogos Tradicionais e qualquer dos ramos do Desporto pertenciam ao mesmo evento, àqueles era-lhes destinado um lugar de subalternidade, reservando-se-lhes apenas o final das actividades, como convívio aberto às crianças e às damas. À medida que as modalidades desportivas se foram submetendo à uniformização das tutelas federativa e associativa, o distanciamento do Jogo Tradicional e do Desporto tem vindo acentuar-se.

Tal como os Desportos, os Jogos Tradicionais têm regras fixas há muito adoptadas e conhecidas em cada localidade. Contudo, enquanto as regras das práticas dos Jogos Tradicionais provêm da tradição, transitando, conjuntamente com os rituais, as fórmulas e toda a gíria, de geração em geração, as dos Desportos são impostas por uma tutela exterior à colectividade. Nos Jogos Tradicionais as regras são válidas e aceites porque estão enraizadas no passado, não são defendidas e controladas por qualquer instituição, tendo esses regulamentos sofrido apenas modificações e adaptações devidas a fenómenos de aculturação (influência exercida por professores, padres, emigrantes, bem como de contactos com outras comunidades e culturas).

À unicidade das regras dos Desportos contrapõe-se a diversidade dos jogos de tradição, com variações no tempo e no espaço.

Nestes, admite-se usualmente a prévia discussão pelo grupo de participantes dos regulamentos a adoptar, estabelecendo-se um contrato lúdico que permite a participação de pessoas de diferentes idades e capacidades. Em muitos casos existem versões ou variantes que podem ser escolhidas e adoptadas no momento.

Em contrapartida, nos Desportos, as regras são inquestionáveis e invariáveis.

Como salienta Pierre Parlebas (cit. por Serra, 1999, p. 825), nota-se no Desporto a tendência para a normalização do meio, tornando o espaço fechado, regularizado e estandardizado. Os espaços desportivos possuem formatos e superfícies padronizados, de acordo com tipologias definidas e aprovadas pelas federações. Esta uniformização do espaço não se nota nos Jogos Tradicionais.

Um outro aspecto no qual se nota uma nítida distinção entre os jogos e os Desportos relaciona-se com o tipo de materiais utilizados. Nos exercícios lúdicos tradicionais os objectos de jogo são facilmente obtidos da natureza, enquanto que, nos Desportos, os objectos utilizados estão normalizados, apresentando características únicas quanto à matéria, tamanho e forma, sendo produzidos e promovidos por poderosas empresas multinacionais.

No Desporto é procurada a simetria e a igualdade ao nível dos campos, do número de elementos das equipas e das respectivas funções, evitando-se qualquer situação paradoxal. Nas práticas lúdicas tradicionais são permitidas situações de assimetria nos espaços de jogo de cada grupo, bem como de desequilíbrio quanto ao número dos seus componentes. Além disso, no domínio das interacções entre os jogadores, alguns jogos de tradição admitem decisões individuais ilógicas, dado possibilitarem, no decurso do seu envolvimento, a escolha arbitrária dos companheiros e dos adversários.

A medição do tempo do jogo processa-se geralmente de um modo natural, durando a prática lúdica até os intervenientes se saturarem, ou serem obrigados a abandonar. A realização dos Desportos, pelo contrário, acontece num tempo e espaço nitidamente separados e o seu término é sempre determinado de um modo quantitativo, por ter sido atingido um total de pontos inicialmente definido, cumprido determinado tempo ou realizado certo percurso.

Na observação formal das práticas notam-se diversos pontos de afastamento entre os Jogos Tradicionais e os Desportos, também no domínio das atitudes verificam-se variações nítidas entre eles. Além das características de controlo e estandardização, o Desporto, constrange e limita, mais que os jogos, a iniciativa individual e a criatividade dos praticantes.

A primazia do resultado, o rendimento máximo e os elevados valores materiais e de prestígio que são postos em jogo no terreno desportivo, estão afastadíssimos do clima de convívio ou de rivalidade simples em que decorrem os Jogos Tradicionais.

As práticas lúdicas tradicionais têm, em geral, características aglutinadoras, pois a todos é permitido observar ou participar nas actividades, ao passo que os Desportos são selectivos, apenas destinados aos que, precocemente detectados e especializados, têm um dom de que a maioria dos candidatos não é portadora.

Como traços mais marcantes do Desporto, temos a estandardização, a normalização, a unicidade, a regulamentação estrita e a ponderabilidade, características impostas pela instituição e pela sociedade de consumo. Em contrapartida, no Jogo Tradicional temos como atributos fundamentais o prazer, a liberdade, a variabilidade, a imprevisibilidade e a criatividade.

5. Jogo e Aprendizagem – Pedagogia Lúdica

Princípio 7.º da Declaração dos Direitos da Criança (ONU, 1959) (1)

“A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a actividades recreativas, que devem ser orientadas para os mesmos objectivos da educação; a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se para promover o gozo destes direitos.”

O jogo é um instrumento com o qual o educador pode ajudar a criança a crescer como pessoa. A importância do jogo no desenvolvimento da criança é uma questão fundamental, daí a sua inclusão nos programas escolares. Os professores devem ter consciência da necessidade de um espaço, tanto físico quanto temporal, para o jogo acontecer (Friedmann,1995).

O jogo, na criança, responde à necessidade de experimentar as suas forças, as suas capacidades de compreensão e de execução, da sua vontade. Assim como o trabalho é a actividade séria do homem, o jogo é a actividade séria da criança.

É necessário chamar a atenção para o valor educativo dos Jogos Tradicionais, que se podem realizar em qualquer local, dentro ou fora da Escola, ao ar livre ou dentro de casa. Estes colocam as crianças em situações globais, lúdicas, concretas, que as levam a resolver problemas corporais, temporais, espaciais, e de relação umas com as outras. E, sobretudo, praticam-nos com uma enorme alegria (Guedes, 198-?).

Ao contrário do que sucedeu durante muitos anos, em que a escola e a comunidade eram mundos diferentes, entre os quais não havia qualquer intercâmbio; actualmente, de acordo com a nova pedagogia, a escola e a comunidade devem caminhar de mãos dadas numa troca de informação permanente, onde a cultura local, tradicional ou não e a cultura considerada académica se fundam numa simbiose quase perfeita, capaz de gerar uma nova cultura, talvez menos académica mas mais global, com a finalidade de preparar melhor as gerações futuras para as tarefas que terão de enfrentar.

Jean Piaget (cit. por Costa, 1997, pp. 23-30) refere que os jogos não servem apenas como passatempo para dissipar energias, mas antes são meios que contribuem para a socialização e o desenvolvimento intelectual dos alunos.

A Escola, para ser eficaz e coerente na sua acção tem que enraizar-se na cultura da comunidade envolvente, respeitar essa cultura, inserindo nos seus currículos aquilo que pode de algum modo ajudar, de maneira proveitosa, o desenvolvimento dos alunos.

O jogo é fundamentalmente uma forma de vida para qualquer criança, é-lhe tão necessário como o ar que respira.

Referindo a importância do jogo na vida da criança, Montaigne (cit. por Costa, 1997, pp. 23-25) afirma que os jogos são “as mais sérias ocupações das crianças”.

Os Jogos Tradicionais são uma festa, e é isso que deve estar sempre presente no espírito de quem joga, de quem assiste, organiza ou patrocina.

A criança não é um adulto em miniatura, e o seu desenvolvimento necessita de alegria e de divertimentos activos. Deixar de atender a esta necessidade é violar as leis da sua evolução normal.

A escola tem como objectivo adaptar o indivíduo à sociedade, por isso, deve aproveitar todas as manifestações de alegria que a criança exprime naturalmente e canalizá-las através de jogos educativos, que possam ajudá-la a educar-se de uma forma muito mais agradável e atraente.

Esse método lúdico, sendo bem aplicado, é considerado de grande importância pela maioria dos pedagogos, devido aos benefícios que é capaz de proporcionar à saúde física, social e intelectual da criança, do adolescente e até mesmo do adulto, pois como refere Almeida (cit. por Costa, 1997, pp. 23-25): “É pelo facto de o jogo ser um meio tão poderoso para a aprendizagem das crianças que (...) se consegue transformar o jogo na iniciativa da leitura e da ortografia, observando-se que as crianças se apaixonam por essas ocupações tidas como enfadonhas”.

Segundo Almeida (cit. por Costa, 1997, pp. 23-25), já os Gregos e Romanos, utilizavam os jogos como meios de transmitir os conhecimentos das gerações adultas, para as mais jovens. Mais tarde, foram postos de parte pela

escola por os considerarem sem interesse funcional, mantendo-se como que “congelados”, até que a pedagogia moderna, valorizou de novo o seu interesse e os “descongelou” para serem consumidos, ganhando de novo o lugar de auxiliar educativo de grande importância sob o ponto de vista pedagógico-didáctico.

Grandes teóricos percursores de novos métodos activos na educação, chamaram a atenção para a importância que os jogos e todo o conteúdo lúdico que lhes está subjacente têm para a educação das crianças (Costa, 1997).

Pela sua multifuncionalidade, esta actividade deverá ser considerada como uma escola prática, onde a criança se conhece melhor a si própria e descobre muitas outras coisas sobre os seus pares, que, de outro modo, poderiam não ser detectadas (Durão, 2001).

O jogo revela-nos a personalidade da criança e desenvolve de uma forma divertida o físico, o intelectual e o afectivo; promove uma comunicação efectiva e faz descobrir o sentido de equipa para benefício da mesma e do jogo.

Através do jogo, cada criança vai conseguindo adquirir uma progressiva autonomia e esquemas práticos que a ajudam a desenvolver-se livremente, estruturando-se de forma a respeitar as regras básicas, necessárias ao bom funcionamento do jogo. Para além disso, ajuda a organizar e a desenvolver a personalidade permitindo que a criança se conheça melhor e se abra aos outros, uma vez que o jogo proporciona a comunicação entre desconhecidos e particularmente entre pessoas tímidas que precisam de um maior encorajamento.

O jogo deve ser praticado com uma determinada finalidade e de forma construtiva e nunca como preenchimento de lacunas; assim, tal como a dramatização, as canções, as lengalengas, os contos (jogos de ideias), a mímica, a exploração de textos, (...). Quando escolhidos, adequadamente, os jogos podem ser um ponto de partida para qualquer centro de interesse e em qualquer área de desenvolvimento, podendo ser óptimas estratégias para inculcar determinados valores às crianças (Durão, 2001).

Para alcançar tais objectivos ou para que possam ser plenamente concretizados, é imprescindível a presença activa e amigável do professor. Com ele, o jogo, nas suas mais diversas manifestações, ganha vida e emoções e tem a garantia de que esta actividade lúdica é sempre educativa.

O professor tem de usar a sua imaginação nos momentos exactos de modo a que os Jogos Tradicionais sejam ajustados às situações concretas, com o objectivo de tirar deles o devido partido, facilitando a aprendizagem dos seus alunos como António Cabral refere “ensinar jogando depende da imaginação e da inteligência de quem ensina” (Cabral, cit. por Costa, 1997, p. 23).

De acordo com Friedmann (1995) é importante realçar o papel do professor numa brincadeira tradicional. Este deve propor as regras do jogo em vez de impô-las, permitindo assim às crianças criarem as regras. A explicação do jogo deve ser clara e breve e a intervenção do professor deve ser notória na fase inicial e evitada quando as crianças conseguem brincar sozinhas. Desta forma, o poder do adulto deve ser reduzido para motivar a cooperação entre as crianças, permitindo que elas tomem as suas decisões, possibilitando o desenvolvimento da autonomia intelectual e social.

Segundo o mesmo autor, o jogo como instrumento pedagógico deve preencher vários requisitos. Assim deve permitir que as crianças o adaptem, promovendo a participação activa e possibilitando ao professor a avaliação da actuação das crianças. Desta forma, o jogo deve promover o desenvolvimento da autonomia social, através da criação de relações seguras nas quais o "poder" do adulto é reduzido ao máximo possível, e o desenvolvimento da autonomia e coordenação física. Para além disso deve despertar na criança a curiosidade, a atenção, o senso crítico, assim como a confiança. Desta forma, o jogo incentiva as crianças para a elaboração de ideias interessantes, questões e problemas, assim como proporciona oportunidades para que estabeleçam relações sociais.

Nesta linha de pensamento, o jogo tem um papel importante na resolução de problemas.

Segundo Brandes e Phillips (1986), o prazer gerado pela prática do jogo pode actuar como ingrediente básico em qualquer actividade e desenvolver a coesão e uma atmosfera aberta e condescendente.

Quando uma criança pratica actividades lúdicas: brincar, jogar, desenhar, ou outras, seja em que papel for, ela vai-se situando e crescendo, adquirindo e reforçando uma identidade própria, conseguindo revelar melhor e com maior naturalidade a sua personalidade e exprimir-se no sentido mais amplo do termo. Sabendo que é nestas situações que a criança reflecte a sua maneira de ser, de agir e de pensar, compete aos pais, professores e outros educadores desempenhar um papel preponderante na formação da consciência moral de cada uma.

A opinião de Bruner (1986) neste contexto é a de que o jogo livre dá à criança uma primeira possibilidade, absolutamente determinante para ter coragem de pensar, de falar e talvez de ser verdadeiramente ela própria. Desta forma, o jogo poderá constituir um importante meio de comunicação ao ser utilizado pelos principais responsáveis pela educação da criança a fim de alcançar os seus objectivos. Alguns destes podem atingir-se mediante o recurso a jogos específicos, desde que as suas orientações sejam controladas. Estas podem ser integradas num plano geral que dará uma visão global do que se passa e do que está em desenvolvimento dentro de cada temática.

Também Claparède (cit. por Durão, 2001, pp. 32-38,) refere que o jogo é uma das principais necessidades da criança e quando se pretende que ela realize seja que tarefa for, deve-se achar um meio de a apresentar como um jogo, porque só desta maneira ela será capaz de libertar correntes de energia em seu proveito. Como se vê, o jogo é há muito reconhecido como estratégia pedagógica.

Consciente do valor pedagógico que o jogo tem no desenvolvimento integral da criança, não se pode esquecer que é da competência dos educadores, não poupar esforços no sentido de centrar a educação em torno de actividades lúdicas. Se a escola pretende desenvolver nos sujeitos que educa a liberdade, autonomia, o espírito de iniciativa, o espírito crítico e criativo, não pode dispensar o recurso à actividade lúdica que deve acarinhar e

impulsionar (...) é sobretudo importante criar uma atmosfera lúdica no conjunto das actividades escolares (Monteiro, 1990).

Também a necessidade de actividade física e jogo espontâneo na infância é crucial, se não mesmo decisiva na delimitação de hábitos de vida saudáveis para uma vida activa (Neto, 1997). O jogo de actividade física e motora na criança e adolescente é um problema essencial das sociedades contemporâneas ou pós-industriais nas quais o uso do espaço e equipamentos para o jogo, assim como, o tempo livre devem ser reconsiderados.

A promoção do jogo e actividade física na vida da cidade e da escola, deverá constituir-se como um indicador decisivo de qualidade de vida (Neto, s.d.).

Segundo Friedmann (1995) cada um de nós possui um acervo muito rico dos jogos da nossa infância, que apenas necessita de trazer de volta e transmitir às gerações actuais, permitindo não somente o resgate cultural de um património lúdico nacional, sua preservação e continuidade, como também a mostra de uma valorização do jogo no seu aspecto educacional. Sendo da nossa responsabilidade não deixar morrer o Jogo Tradicional infantil, pois o conteúdo que o mesmo possui significa uma bagagem muito importante para o desenvolvimento.

Desta forma, é importante que todos os educadores se encarreguem de os transmitir, quer em aulas de Educação Física (o professor), quer na ocupação dos tempos livres (os familiares e os educadores). Não é necessário uma elevada competência técnica (Guedes, 198-?).

O Comité Intergovernamental para a Educação e Desportos da Organização das Nações Unidas, atento a este fenómeno, recomendou a protecção e o desenvolvimento deste tesouro lúdico, que constitui os Jogos Tradicionais, no quadro da Educação Física e Desportos, valorizando assim a preservação do património cultural, ao mesmo tempo que recomenda a organização de festas mundiais de Jogos, Desportos e Tradições. São manifestações que visam ilustrar a riqueza cultural, social e artística destas actividades físicas e que contribuem para o melhor conhecimento das culturas

específicas de cada país. Que nos aproximam e fazem compreender os povos e os indivíduos.

Em Portugal, os Jogos Tradicionais e o Folclore fazem parte da programação oficial da disciplina de Educação Física e Desportos em todos os níveis de escolaridade.

Não se pode pensar em desenvolvimento, sem referenciar constantemente o homem e as suas finalidades culturais; sem esquecer um aspecto essencial: os bens e os recursos culturais que constituem o património das sociedades e que devem, estar ao serviço de todos.

O património lúdico tradicional, que tem a sua raiz na cultura da comunidade aonde pertence, pode perfeitamente contribuir para uma melhor coerência do processo ensino/aprendizagem.

Os Jogos Tradicionais, são integráveis numa organização escolar humanizada, realista e projectiva, que podem constituir instrumentos de educação e de formação, dentro e fora do universo escolar (Guedes, 1995).

"É urgente viver o presente, preparando o futuro, e respeitando a tradição"
Noronha Feio (cit. por Guedes, 1995).

Conclusões

O desenvolvimento da pesquisa bibliográfica e a reflexão sobre a mesma conduziram-me às seguintes conclusões:

Como práticas culturais, os Jogos Tradicionais encontram-se inseridos num vasto domínio lúdico, são práticas locais, puras e simples pouco afectadas pelo materialismo próprio da sociedade consumista. Actualmente encontram-se em declínio acentuado, como resultado das transformações económicas, sociais e culturais, apesar de sempre terem desempenhado um papel importante tanto no desenvolvimento motor como no desenvolvimento social do indivíduo;

Os Jogos Tradicionais contrastam com o Desporto, uma vez que são realizados num ambiente de naturalidade e espontaneidade, onde não ocorrem as limitações impostas por pessoas ou instituições externas, nem se verifica o carácter sistemático e obrigatório do ambiente competitivo próprio do Desporto.

Actualmente a prática de Desporto é corrente ao contrário da prática dos Jogos Tradicionais que é negligenciada, no entanto é possível a compatibilização deste sinal da modernidade com as práticas lúdicas antigas, tradicionais e inalteradas;

O empenho de inúmeras associações de desenvolvimento local, tem permitido reanimar e revalorizar os Jogos Tradicionais, preservando esta forma de riqueza cultural;

Existe a necessidade de pôr em prática mecanismos de sensibilização das populações para o interesse da manutenção e revitalização dos jogos. A participação de autarquias, universidades e colectividades locais e, principalmente, dos poderes mediáticos (televisão) são importantes para despertarem e encorajarem a defesa de práticas, atitudes e valores desprezados pela sociedade moderna;

A disciplina de Educação Física, na Escola, integra nos seus conteúdos programáticos os Jogos Tradicionais, a par das outras actividades desportivas.

No fim deste trabalho espero ter dado um contributo para o conhecimento mais concreto e rigoroso do papel dos Jogos Tradicionais. No entanto, não se

esgotam aqui os temas relacionados com as práticas lúdicas, cuja análise não foi abordada neste trabalho. Por exemplo: uma pesquisa sobre os Jogos Tradicionais praticados pelas crianças e da sua possível inclusão no contexto escolar e de ocupação dos tempos livres, com o objectivo de promover o desenvolvimento pessoal e interpessoal, assim como, da saúde e da qualidade de vida das comunidades; ou uma comparação entre os jogos praticados no passado e a sua expressão na actualidade, e também com os jogos modernos.

Bibliografia

Assembleia da Nações Unidas (1959). *Declaração dos Direitos da Criança*. Consult. 27 Set 2007, disponível em:

<http://afilosofia.no.sapo.pt/cidadania1a.htm>

Brandes, Donna et all. (1986). *Psicologia e Pedagogia: Manual de Jogos Educativos*. (Vol.III). Lisboa: Moraes Editora.

Bruner, Jerome. (1986). *Acción, Pensamiento y Language*. Madrid: Alianza Editorial.

Cabral, A. (1985). *Jogos Populares Portugueses*. Porto: Ed. Domingos Barreira.

Cabral, A. (1991). *Jogos Populares Infantis*. Porto: Ed. Domingos Barreira.

Caillois, R. (1990). *Os Jogos e os Homens*. Lisboa: Ed. Cotovia.

Costa, José P. (1997). *Actividades Lúdico: Festivas na Freguesia de Sortelha*. Guarda. Dissertação de Monografia apresentada à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico da Guarda.

Crespo, J. (1990). Os Jogos Tradicionais em Portugal. Os Caminhos da Investigação, in Cameira Serra et al. (Org.), *Actas das Jornadas de reflexão "Os Jogos Tradicionais em Portugal"*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Educação e Direcção Geral do Desporto, Guarda, 1990, pp. 51-62.

Durão, Maria T. B. (2001). *Jogos Tradicionais Transfronteiriços*. Guarda. Dissertação de Monografia apresentada à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico da Guarda.

Friedmann, A. (1995). *Jogos Tradicionais*. Publicação: Série Idéias n. 7. São Paulo: FDE, pp. 54-61. Consult. 4 Set 2007, disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=017.

Guedes, M.G.S. (198-?). *Jogos Tradicionais Portugueses*. Estudos e Investigação. Lisboa: Instituto Nacional dos Desportos.

Guedes, M.G.S. (1995). *Editorial*. Revista da Educação Física Universidade Estadual de Maringá. Volume 6. Nº 1. Consult. 12 Nov 2007, disponível em:

http://www.def.uem.br/revista/revista_06/editorial_r_06.htm

Martins, E. F. (1997). *Os Jogos Tradicionais e Aprendizagem Motora*. Guarda. Dissertação de Monografia apresentada à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico da Guarda.

Monteiro, José Peres (1990). *Educação e Tecnologia*, 6. p. 50.

Neto, C. (1997). *Jogo & Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana.

Neto, C. (2000). *O Jogo e Tempo Livre nas Rotinas de Vida Quotidiana de Crianças e Jovens*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana Universidade Técnica de Lisboa. Consult. 5 Nov 2007, disponível em:

<http://www.fmh.utl.pt/Cmotricidade/dm/textoscn/ojogoetempolivre.pdf>

Neto, C. (s.d.). *Jogo na Criança & Desenvolvimento Psicomotor*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana Universidade Técnica de Lisboa. Consult. 5 Nov 2007 disponível em:

<http://www.fmh.utl.pt/Cmotricidade/dm/textoscn/jogonacrianca.pdf>

Pontes, F. e Magalhães, C. (2003). *A Transmissão da Cultura da Brincadeira: Algumas Possibilidades de Investigação*. Universidade Federal do Pará. Consult. 4 Set 2007, disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16803.pdf>

Serra, M. C. (1999). *Os Jogos Tradicionais em Portugal As Relações entre as Práticas Lúdicas e as Ocupações Agrícolas e Pastoris*. Volume I. Vila Real. Dissertação do Doutoramento apresentada Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Silva, C. e Morais, M.M. (1967). *Jogos Tradicionais Portugueses*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral do Ensino Primário, 2ª Edição.

Sousa, C. M. (1997). *Os Jogos Tradicionais como Unidade Didáctica do Programa de Educação Física*. Guarda. Dissertação de Monografia apresentada à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico da Guarda.